



AgEcon SEARCH

RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

No endorsement of AgEcon Search or its fundraising activities by the author(s) of the following work or their employer(s) is intended or implied.



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL: O CASO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ROBERTA HELENA FIOROTTO RODRIGUES BACHA;

ESALQ/USP

PIRACICABA - SP - BRASIL

rbacha@esalq.usp.br

**APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR
CIÊNCIA, INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PESQUISA.**

Extensão Universitária no Brasil: o caso da Universidade de São Paulo

Apresentação em seção com presidente da sessão e sem a presença de debatedor

Grupo de Pesquisa 12 – Ciência, Inovação Tecnológica e Pesquisa

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a dimensão e a diversidade da atividade de extensão universitária na Universidade de São Paulo (USP), ressaltando a extensão em ciências agrárias. A extensão universitária é definida como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. Na USP, assim como em outras grandes universidades brasileiras, a extensão universitária é realizada através da prestação de serviços e da transmissão de conhecimento científico à comunidade externa à universidade. Utilizando dados do Anuário Estatístico da USP de 1997 a 2002 e fazendo a análise tabular e gráfica dos mesmos, o artigo ressalta a grandiosidade dos serviços de extensão nas áreas de saúde, jurídico e de educação prestados por algumas faculdades da USP. Esses serviços se viabilizam, em parte, pelas atividades de pós-graduação e pesquisa que a USP executa. Também se destacam as atividades de transferência de conhecimento via participação em bancas e cursos de extensão universitária feitas por professores da USP. Como uma das principais conclusões do trabalho está o fato de que a própria USP **não** tem o registro total de suas atividades de extensão, bem como seus dirigentes precisam dar a essas atividades uma maior divulgação, como é o caso da extensão feita pela tradicional Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Aliás, são essas atividades de extensão que permitem a USP retribuir, em parte, à sociedade os recursos públicos investidos nessa universidade pública.

Palavras chaves: extensão universitária, relação pesquisa-ensino-extensão, USP, dimensão, diversidade.

1 - Introdução

A universidade é uma das instituições mais antigas existentes no mundo ocidental e sugere-se que os seus objetivos sejam permanentes. Afirma Kerr (1982, p. 152) que das oitenta e cinco instituições atuais que já existiam em 1520, com funções similares às que desempenham hoje, setenta são universidades. Jaspers (1965, p. 19) define universidade como sendo o lugar onde, por concessão do Estado e da sociedade, os seus membros congregam-se com o único objetivo de procurar, incondicionalmente, a verdade e apenas por amor à verdade. Assim, Jaspers classifica os principais objetivos da universidade como sendo pesquisa, ser centro de cultura e fonte de ensino. A pesquisa é o principal objetivo da universidade. A universidade deve ser um centro de cultura, disponível para a educação do homem no seu todo. E a universidade ensina porque a verdade deve ser transmitida.

Apesar de Gasset (1982, p. 41) considerar a universidade alemã, como instituição, “uma coisa deplorável”, fazia a seguinte caracterização das funções da universidade: transmissão de cultura, ensino das profissões, investigação científica e educação dos novos homens de ciência. Podemos observar que Jaspers (1965) e Gasset (1982) têm uma visão similar do papel da universidade.

O sistema brasileiro de educação superior é constituído por um conjunto de instituições com características distintas quanto à forma de financiamento, à organização, à dependência administrativa e às propostas pedagógicas. Quanto ao primeiro aspecto (forma de financiamento), dois grupos se distinguem: as universidades públicas e as universidades privadas.

As universidades públicas brasileiras foram criadas para atender às necessidades do país. Estão distribuídas em todo o território nacional e em toda sua existência sempre estiveram associadas ao desenvolvimento econômico, social, cultural e político da nação, constituindo-se em espaços privilegiados para a produção e acumulação do conhecimento e a formação de profissionais.

Segundo Santos (1996), na década de 1960 as universidades sofreram muitas pressões e transformações. Os estudantes brasileiros, organizados na União Nacional dos Estudantes (UNE), empreenderam movimentos culturais e políticos reconhecidos como fundamentais para a formação de lideranças intelectuais de que carecia o país. No entanto, a universidade foi criticada por gerar conhecimento e não difundir-lo na sociedade, a favor de soluções de problemas sociais. A intervenção social da universidade foi uma das reivindicações mais radicais do movimento estudantil dos anos sessenta. Consequentemente, provocou-se invocação da “responsabilidade social da universidade” perante os problemas do mundo contemporâneo. Porém existia também as reivindicações dos conservadores e tradicionalistas que recusavam qualquer tipo de intervencionismo. Com isso, foi evoluindo a idéia de multiversidade, teorizada por Kerr (1982). Trata-se de uma universidade funcionalizada como uma “instituição no centro dos acontecimentos” e esses podem ser colaboração com serviços públicos, ligação à indústria ou às associações de agricultores, o apoio às escolas públicas, assistência jurídica etc.

Do assistencialismo passou-se ao questionamento das ações desenvolvidas pela extensão. De função inerente à universidade, a extensão começou a ser percebida como um processo que articula o ensino e a pesquisa, organizando e assessorando os movimentos sociais que estavam surgindo.

Atualmente, as atividades de ensino, pesquisa e extensão são as três atividades fins da universidade e, conforme o Artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, essas atividades são indissociáveis.

Tomada como verdadeira a afirmação de que ensino, pesquisa e extensão constituem atividades fundamentais da universidade, a sala de aula deixa de ser o lugar

único onde se dá o ato de aprender ou ensinar. Seguindo esse raciocínio, sala de aula é qualquer local onde se dá o aprendizado, onde estiverem presentes universidade e comunidade numa relação de interação.

Nesse trabalho concentramos a nossa atenção na atividade de extensão, como uma prática que tem íntima relação como as atividades de ensino e de pesquisa, não só nas universidades brasileiras, como também na América Latina e Europa.

O **objetivo** desse artigo é analisar a dimensão e a diversidade das atividades de extensão da Universidade de São Paulo (USP), destacando a extensão em ciências agrárias.

2 – Revisão de literatura

A literatura nacional sobre o tema desse artigo se classifica em: (1) trabalhos referentes à extensão rural; (2) trabalhos sobre extensão universitária feita por universidades públicas outras do que a Universidade de São Paulo (USP); e, (3) a experiência de extensão universitária da USP.

A extensão rural é o tópico mais pesquisado no Brasil. Entende-se por extensão rural o conjunto de atividades direcionadas a transmitir aos agricultores novos conhecimentos técnicos e comerciais a respeito de culturas e criação de animais. A extensão rural esteve, no passado, muito associada a algumas universidades públicas que na origem surgiram com cursos de ciências agrárias e praticaram a extensão rural. O trabalho de Oliveira (1987) analisa a origem e evolução da extensão rural no Brasil.

As atividades de extensão universitária exercidas por universidades públicas são apenas pontualmente relatadas. Tem-se, por exemplo:

- Neves (1993) relata a experiência da Universidade Federal de Viçosa.
- Wasielesky Jr. *et al.* (2002) avaliam a experiência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no referente ao cultivo de camarão-rosa junto a uma comunidade de pescadores artesanais no estuário da Lagoa dos Patas, no Rio Grande do Sul.
- Também sobre a UFRGS tem-se o relato de Merten (2002) sobre as atitudes de estudantes vinculados a projeto de assentamento 19 de setembro, situado em Guaíba, Rio Grande do Sul.
- Mendonça e Silva (2002) avaliam o projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista (Unesp) no município de Ocaçu.
- O trabalho de Bonfim e Costa (2002) analisa o trabalho da Universidade de Brasília (UnB) em remanescentes de quilombos em três municípios de Goiás: Monte Alegre de Goiás, Cavalcante e Teresina de Goiás.

Observe que os trabalhos acima mencionados avaliaram apenas projetos individuais de extensão universitária. O mesmo ocorre com os trabalhos referentes à Universidade de São Paulo. A esse respeito tem-se os trabalhos de Pereira (2001) e Garavello (2002). O primeiro analisou apenas a experiência da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, que é uma das unidades de ensino da USP, na organização dos pequenos produtores de leite no município de São Pedro (SP). Garavello (2002) analisa a experiência de treinamento de artesãos no Vale do Ribeira para produzirem artesanato a partir de resíduos de banana.

Observa-se, da exposição acima, que a avaliação da extensão universitária no caso da USP tem sido pontual. Essa atividade não foi avaliada em sua dimensão e diversidade. Realizar essa avaliação global é a contribuição do presente artigo.

3 – Metodologia

A metodologia utilizada nesse artigo é a análise tabular e gráfica de dados secundários. A fonte de dados utilizada é o Anuário Estatístico da USP, o qual traz informações sobre atividades de ensino, pesquisa e extensão dessa universidade.

O Anuário Estatístico da USP é elaborado anualmente e serão utilizados dados de 1997 até 2002.

A coleta de dados para o Anuário Estatístico da USP é procedente de vários órgãos dessa universidade. No entanto, duas deficiências podem ser ressaltadas:

- 1) nem todas as informações sobre extensão universitária são coletadas. Não há, por exemplo, informações sobre serviços prestados pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), apesar de ser de nosso conhecimento que a mesma faz análise química de solo, tem o programa de equoterapia (o qual utiliza a cavalgada como estímulo motor de deficientes físicos) e um Museu de Ciências que oferece a estudantes de 1^o e 2^o graus atividades de conhecimento das várias ciências pesquisadas pela ESALQ. Outro exemplo de falta de informações é sobre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Como há informações de serviços de extensão oferecidos pela Faculdade de Medicina de São Paulo, supõe-se que os mesmos sejam também oferecidos, em parte, pela unidade de Ribeirão Preto. Mas nada consta nos Anuários Estatísticos da USP a esse respeito.
- 2) algumas informações são coletadas em dado ano, mas não nos seguintes. Isto é o caso, por exemplo, das atividades executadas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, como será destacado na Tabela 4 na seção 5.

Além dos dados do Anuário Estatístico da USP, o trabalho fará uso de documentos oficiais dessa universidade sobre suas atividades de extensão, bem como da literatura existente sobre o tema.

4 – O conceito, abrangência e críticas à extensão universitária

4.1 - O conceito de extensão universitária

Segundo o Plano Nacional de Extensão, referendado pelo MEC, “a Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *praxis* de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como conseqüências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social”.

Neves (1993) ressalta que a extensão universitária é um conjunto de práticas institucionais destinadas à comunidade interna e externa da universidade. Numa universidade pública, a atividade de extensão abrange alunos, servidores, outras instituições e a população em geral.

4.2 – Tipos de extensão universitária

As atividades de extensão na universidade pública no Brasil se realizam sob duas formas: (1) prestação de serviços; (2) transferência de conhecimento científico.

A prestação de serviços ocorre através de atividades onde os estudantes, orientados por professores e assistidos por técnicos, prestam à sociedade serviços que deveriam ser ofertados pelo Estado. Nessa categoria estão as consultas e atendimento médico-hospitalar (realizados em hospitais-escola ou nas próprias faculdades de medicina), os atendimentos odontológicos e os atendimentos psicológicos. Esses serviços também podem ser ofertados a seres não humanos, como o caso dos oferecidos em hospitais veterinários. Nessa categoria de prestação de serviços também se inclui a organização e treinamento de comunidades pobres, visando racionalidade no uso de recursos disponíveis ou acesso à tecnologia existente.

A transferência de conhecimento ocorre quando professores universitários fazem, fora de sua universidade e/ou para o público externo a ela, palestras e cursos. Também se enquadra nessa categoria a participação de professores em bancas examinadoras e congressos fora de sua universidade.

4.3 – Críticas à extensão universitária

As críticas às atividades de extensão universitária são diversas. Baibich (1995), citado por Zouein (2001), afirma que há contradições entre o que a extensão é e o que pensa que é, entre quem deveria atingir e quem efetivamente atinge em suas ações. Rocha (1986) complementa que a extensão tem sido exercida de modo assistemático, esporádico, muitas vezes não reconhecida como atividade da universidade. Demo (1990) afirma que a pesquisa é a base da atividade universitária, se ela for exercida como um princípio científico e educativo. Educar pela pesquisa já traz, em si, tanto a dimensão prática da aprendizagem como a vinculação com a cidadania, tornando a atividade de extensão desnecessária. Na mesma linha de argumentação, Botomé (1996, 1997) acredita que as atividades de ensino e de pesquisa foram feitas de modo articulado com a sociedade, portanto, a extensão é desnecessária.

No prefácio da obra de Rocha (1986, p. 11), Walter Garcia afirma que “a Extensão Universitária é um destes pontos obscuros do nosso sistema de ensino superior: nas exortações, aparece sempre como importante, na prática, é permanentemente ignorada, ou melhor, tratada como uma função menor, que se limita, quase sempre, a cursos ou ações que encobrem uma certa consciência de culpa dos dirigentes e de todos aqueles que fazem a Universidade”.

Gonçalves e Cassimiro (1979), Garrafa (1987) e Humberto (1987) - citados por Neves (1993) - advogam a extensão como uma função da universidade, cuja prática permite a transcendência, pela instituição, da comunidade universitária à sociedade em geral, com o fim de atingir os elementos da comunidade em que está inserida, por estímulo ao desenvolvimento da consciência crítica da comunidade acadêmica.

Ao final desse trabalho, verificaremos se essas críticas são ou não válidas para a extensão realizada pela Universidade de São Paulo.

5 – As atividades de extensão da Universidade de São Paulo

Nessa seção descrevemos, inicialmente, a dimensão da Universidade de São Paulo, destacando as unidades que a compõe e suas importâncias (item 5.1). Em seguida, é analisada a estrutura administrativa central da USP, ressaltando os órgãos responsáveis pela organização da extensão universitária. No item 5.3 destacam-se as atividades de extensão da USP, divididas em serviços à comunidade e transferência de conhecimento científico.

5.1 – Dimensão da USP



A Universidade de São Paulo foi fundada em 1934. Ela é uma autarquia estadual que, em 2002, tinha 36 unidades de ensino e pesquisa, além de seis centros e institutos especializados, quatro hospitais e serviços anexos, quatro museus e 18 órgãos centrais de direção e serviço.

Em 2002, a USP tinha 4.884 professores e 14.952 funcionários não-docentes. A área ocupada por suas unidades totalizou 1.436.984 m², e o orçamento executado foi de R\$ 1,38 bilhão. O total de alunos matriculados em 2002 foi de 72.867, dos quais 58,4% foram de graduação e 41,6% de pós-graduação. Esses números fazem da USP uma das maiores universidades da América Latina e a líder no ensino de pós-graduação no Brasil.

As unidades da USP se distribuem por seis campi, os quais são: Bauru, Piracicaba, Pirassununga, São Carlos, São Paulo e Ribeirão Preto. Em 2003 foi autorizada a criação de um novo campus na zona leste de São Paulo.

Tabela 1 – indicadores da dimensão da USP por unidades – ano 2002

Unidade	Recursos humanos		Área construída (m ²)	Orçamento executado (mil reais)	Alunos inscritos	
	docentes	Não docentes			graduação	Pós-graduação
Ensino e pesquisa						
ECA	181	241	22.853	30.291	2.021	1.173
EE	82	112	9.459	14.678	476	287
EEFE	40	102	9.461	8.083	616	148
EERP	68	97	7.058	12.629	389	383
EESC	205	325	53.461	38.122	1.257	1.619
EP	471	504	142.052	61.091	4.530	3.276
ESALQ	225	532	139.438	56.591	1.599	1.099
FAU	132	184	25.014	18.830	1.088	1.134
FCF	84	177	18.257	18.857	882	591
FCFRP	76	146	10.583	14.374	300	202
FD	128	188	22.549	17.132	2.473	623
FE	107	187	21.213	22.985	723	613
FEA	188	126	28.941	28.622	3.073	934
FEARP	50	22	3.933	13.829	707	0
FFCLRP	122	170	18.721	20.052	965	742
FFLCH	362	365	41.121	70.912	10.190	4.355
FM	344	592	44.403	52.730	1.422	2.055
FMRP	260	457	33.040	53.008	673	1.261
FMVZ	92	303	41.345	25.071	428	554
FO	155	221	20.896	22.487	755	558
FOB	96	192	22.405	19.064	311	267
FORP	88	156	16.116	15.700	336	150
FSP	96	341	19.401	29.521	294	807
FZEA	44	60	19.722	5.942	265	101
IAG	69	136	23.422	12.566	192	182
IB	86	188	25.210	20.844	924	582
ICB	156	323	38.649	36.209	0	939
ICMC	79	67	9.609	11.718	509	387
IF	156	304	39.349	34.040	1.551	377
IFSC	55	155	16.962	13.505	183	272
IGc	62	137	15.571	13.093	359	182
IME	177	133	15.040	23.272	1.556	696
IO	34	188	15.263	12.990	40	175
IP	87	146	16.309	14.326	492	732
IQ	107	240	33.075	24.012	463	533
IQSC	40	98	12.957	8.206	209	359
SUBTOTAL	4.804	7.915	1.052.856	895.387	42.251	28.348
Centros e institutos especializados						
CEBIMar	3	24	1.970	1.405	0	0
CENA	33	122	12.912	8.803	0	186
IEA	2	31	995	1.937	0	0
IEB	6	46	2.826	3.007	0	0
IEE	8	110	8.798	6.803	0	0
IMT	0	0	6.705	0	0	0
SUBTOTAL	52	333	34.206	21.955	0	186
HOSPITAIS E SERVIÇOS ANEXOS						
HRAC	0	396	18.639	18.922	0	65
HU	0	1.834	36.001	100.349	0	0
SVOC	0	80	931	2.952	0	0
SVOI	0	14	0	597	0	0
SUBTOTAL	0	2.324	55.571	122.820	0	65
MUSEUS						
MAE	14	66	3.339	4.357	0	0
MAC	3	99	10.022	3.817	0	0
MP	2	111	8.363	4.989	0	0
MZ	9	67	7.194	4.459	0	0
SUBTOTAL	28	343	28.919	17.623	0	0
Órgãos centrais de						

direção e serviço						
CCE	0	234	5.622	9.457	0	0
CCS	0	177	5.901	6.526	0	0
CDCC	0	30	2.267	1.117	0	0
CECAE	0	33	0	1.782	0	0
CEPEUSP	0	147	20.441	5.816	0	0
CIAGRI	0	25	1.258	1.233	0	0
CIRP	0	22	639	936	0	0
CISC	0	24	1.280	1.152	0	0
COESF	0	128	0	8.978	0	0
COSEAS	0	573	43.082	12.406	0	0
PCAB	0	112	6.432	4.132	0	0
PCAPS	0	176	33.738	6.599	0	0
PCARP	0	449	46.427	14.179	0	0
PCASC	0	211	18.450	6.980	0	0
PCLQ	0	280	29.594	11.263	0	0
PCO	0	449	15.880	14.957	0	0
RUSP	0	902	33.452	66.370	0	0
SIBi	0	65	969	3.202	0	0
Subtotal	0	4.037	265.431	177.086	0	0
Outros	0	0	0	145.634	303	1.714
TOTAL	4.884	14.952	1.436.984	1.380.506	42.554	30.313

Fonte: Anuário Estatístico da USP - 2003

Entre as 36 unidades de ensino e pesquisa da USP, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) é a que possui o maior número de estudantes e dos recursos orçamentários. Em 2002, a FFLCH tinha 20% dos estudantes da USP, mas gastou apenas 5,1% dos recursos orçamentários da USP e ocupava apenas 2,9% da área construída. De outro lado, a Escola Politécnica tinha a maior área construída (9,9% do total da USP), gastando 4,4% do orçamento e detendo 10,7% do total de estudantes. Esses números demonstram que a especificidade de ensino, pesquisa e extensão das unidades não implicam idêntica distribuição de área construída, orçamento e número de estudantes.

Os dados da Tabela 1 demonstram que 15,5% dos funcionários da USP e 8,9% do orçamento da USP em 2002 foram despendidos em serviços hospitalares, os quais atendem à comunidade da USP e população externa à USP.

5.2 – Organização da USP

A Universidade de São Paulo é composta pelo Conselho Universitário, seu órgão máximo, ao qual estão ligados diretamente os conselhos de Graduação, Pós-graduação, Pesquisa e Cultura e Extensão Universitária.

O conselho de Cultura e Extensão Universitária rege as ações da Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), a qual é a instância que planeja, coordena e executa os eventos setoriais destas áreas dentro da USP, através dos vários órgãos e projetos especiais. A missão da Pró-reitoria volta-se igualmente para a disseminação, em seu âmbito, dos valores essenciais da vida acadêmica, entre os quais avulta o zelo constante pela excelência. Atividades culturais e de extensão exigem, por sua própria natureza, uma sintonia plena com estes valores e também com as expectativas da comunidade. A partir desse conceito foram definidas premissas orientadoras do trabalho da PRCEU, aprovados pelo seu conselho central, o CoCEX.

A Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP desenvolve suas diferentes atividades, que incluem os cursos propostos e ministrados pelas Unidades e as ações culturais e de extensão, a partir de um conjunto de Órgãos, Projetos Consolidados e Projetos Especiais.

Nas unidades de ensino e pesquisa (faculdades), as atividades de cultura e extensão são coordenadas pelas Comissões de Cultura e Extensão Universitária. Algumas unidades

da USP possuem o Serviço de Cultura e Extensão Universitária, o qual colabora com a comissão para implementação das atividades de cultura e extensão na respectiva unidade.

Na Universidade de São Paulo as atividades de cultura e extensão universitária são regulamentadas pela Resolução nº 4940 de 26 de junho de 2002.

O artigo 1º da Resolução 4940 diz que “*As atividades de cultura e extensão universitária são concebidas como processo educativo, cultural e científico que integra o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade*”.

A extensão universitária é uma credencial de excelência, porque somente universidades com história e altos índices de qualidade no âmbito da pesquisa e do ensino podem repassar à comunidade externa, em forma de serviços ou ensinamentos, o conhecimento acumulado em todas as áreas.

A extensão universitária ocorre não apenas no campo dos serviços, mas também naquelas de natureza cultural (bibliotecas, museus e demais órgãos de difusão artística), de pesquisa e de defesa da cidadania. É a face mais generosa da universidade moderna, porque em muitos casos estabelece conexão entre a mesma e setores que não têm acesso institucional ao seu corpo docente. A extensão universitária democratiza o saber acadêmico, através das diferentes modalidades de cursos de extensão (especialização, aperfeiçoamento, atualização e difusão) e das propostas de políticas públicas e estudos estratégicos elaborados.

O artigo 4º da Resolução nº 4940 classifica as atividades de cultura e extensão universitária em:

- ✚ Formação profissional e educação continuada:
 - a) Curso de Especialização
 - b) Curso de Aperfeiçoamento
 - c) Curso de Atualização
 - d) Residência
 - e) Prática Profissionalizante e Programa de Atualização
- ✚ Assessoria, consultoria e prestação de serviço especializado;
- ✚ Assistência;
- ✚ Orientação;
- ✚ As seguintes atividades também são consideradas de cultura e extensão universitária:
 - Participação em bancas examinadoras ou julgadoras, realizadas fora da Universidade de São Paulo, tais como de: a) exame de qualificação e defesa de mestrado e doutorado; b) concurso ou seleção de ingresso; c) concurso de acesso ou progressão;
 - Participação em colegiado ou comissão externa à Universidade de São Paulo;
 - Atividade de divulgação artística, cultural, científica, técnica, tecnológica ou desportiva por meio de: a) cursos de difusão; b) projetos dirigidos à educação básica; c) exposições e feiras; d) divulgação nos meios de comunicação; e) redação de textos de divulgação; f) Produção de materiais didáticos para a educação básica e outras clientelas, tais como: fitas sonoras, vídeos, filmes, dispositivos e meios de armazenamentos digitais; g) produção de jornais, livros, revistas, partituras, boletins técnicos e outros; h) apresentações musicais e concertos; i) apresentações teatrais, leituras dramatizadas, produções cênicas, projetos técnicos e artísticos em artes cênicas; j) eventos desportivos; k) repasse de produtos gerados pela Universidade;

- Participação na direção de sociedades científicas, técnicas, tecnológicas, artísticas, honoríficas, culturais ou profissionais e conselhos editoriais;
- Supervisão de estágios não obrigatórios, de treinamentos, de reciclagens, de visitas monitoradas ou técnicas e projetos do corpo discente;
- Promoção e organização de eventos científicos, técnicos, tecnológicos, culturais, artísticos e desportivos;
- Contribuição em eventos científicos, técnicos, tecnológicos, culturais, artísticos, desportivos, palestras, conferências, seminários, simpósios, jornadas, encontros, oficinas, reuniões e congressos;
- Participação na elaboração de projetos de lei e normas legais e técnicas.

5.3 – As atividades de extensão universitária na USP

Tal como no resto do país, a extensão universitária na USP pode ser agregada em dois grupos: prestação de serviços à comunidade e transferência de conhecimento científico.

5.3.1 – Prestação de serviços à comunidade pela USP

A Universidade de São Paulo oferece serviços de atendimento médico, odontológico, psicológico e laboratoriais que atendem tanto a sua comunidade (de professores, estudantes e funcionários não-docentes) quanto à comunidade circunvizinha.

O serviço médico a título de extensão universitária é feito pelo hospital universitário (HU) e pela Faculdade de Medicina na capital do estado. A Tabela 2 apresenta o número de procedimentos (consultas, internações, exames, orientações etc.) do HU de 1997 a 2002 por categoria de cliente, interna ou externa a USP. Observa-se que o atendimento à comunidade externa à USP é maior do que o atendimento à comunidade interna. Em 1997, 61,2% dos procedimentos médicos do HU foram para atender à comunidade externa à USP. Em 2002, essa percentagem foi de 66,9%.

Tabela 2 – número de procedimentos médicos no hospital universitário por categoria de pessoas.

	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Comunidade da USP	465.283	504.072	530.953	445.742	595.620	442.088
Comunidade fora da USP	734.564	766.151	560.591	735.085	792.854	894.785
Total	1.199.847	1.270.223	1.091.544	1.180.827	1.388.474	1.336.873

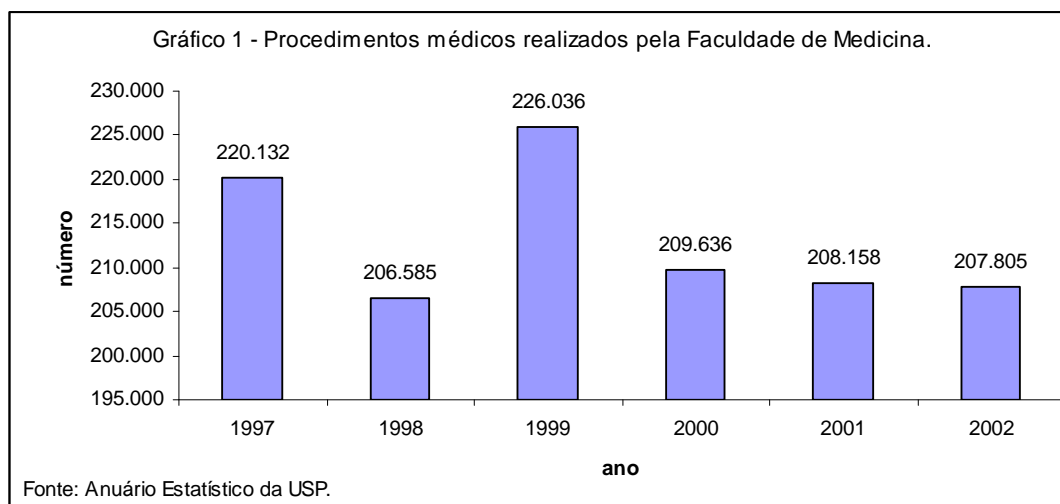
Fonte: Anuário Estatístico da USP.

Nota: as ocorrências registram cirurgias, consultas, exames complementares, internações, informações e partos.

Além do HU, a Faculdade de Medicina também oferece, através do serviço de extensão, atendimento à população fora da USP. O Gráfico 1 apresenta o total de procedimentos realizados por essa faculdade. Observa-se que eles têm flutuado entre 206 e 226 mil por ano. Entre esses procedimentos estão atendimentos médicos, internações, vacinação. São serviços prestados pela USP, em suas instalações, e muitas vezes em convênio com outros órgãos estaduais e municipais.

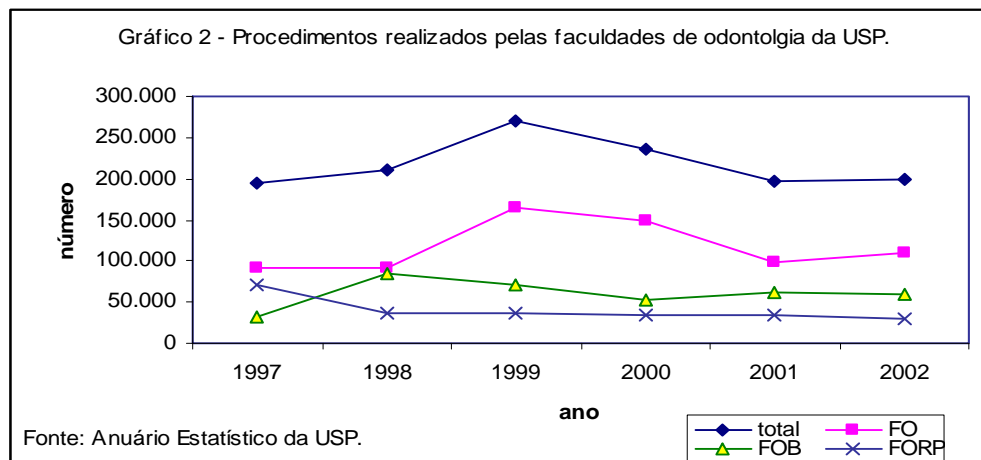
Essa elevada oferta de serviços médicos por parte da Faculdade de Medicina é viabilizada, em parte, pelo seu grande número de estudantes de pós-graduação. Esses já são médicos ou outros graduados e atuam como profissionais dentro da USP. Observando a Tabela 1, constata-se que em 2002, a Faculdade de Medicina tinha 3.477 estudantes, dos quais 2.055 eram de pós-graduação. Isto correspondia a quase seis vezes o número de docentes. Somando docentes e alunos de pós-graduação, tinha-se em 2002 cerca de 2.400

possíveis ofertantes de serviços médicos para a população. Conciliando atividades de ensino e pesquisa com a prestação de serviços, esse volume de docentes e estudantes explicam o elevado número de procedimentos médicos destacados no Gráfico 1.



A Universidade de São Paulo possui três faculdades de odontologia, localizadas nas cidades de São Paulo, Bauru e Ribeirão Preto. Na Tabela 1, constata-se que a Faculdade de Odontologia de São Paulo (FO) é a maior em termos de número de docentes e estudantes, vindo em seguida a Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB) e a de Ribeirão Preto (FORP). Essas faculdades oferecem diversos atendimentos e exames na área odontológica, à população da USP e fora da USP. No Gráfico 2, observa-se a evolução desses procedimentos de 1997 a 2002. Houve crescimento de serviços de 1997 a 1999 (passando de 194 mil para 271 mil) diminuindo a partir de então (em 2002 foram 200 mil).

Entre as faculdades de odontologia a que mais presta serviços é a localizada em São Paulo. Isto se associa, em parte, com as atividades de pós-graduação. A Faculdade de Odontologia de São Paulo (FO) prestou, em 2002, 110 mil procedimentos, enquanto da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP) ofereceu 31 mil. Portanto, a FO ofereceu 3,5 vezes mais serviços do que a FORP. No entanto, em 2002 a Faculdade de Odontologia de São Paulo (FO) tinha um número de professores 76% maior do que o da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP). A FO tinha também um número de estudantes de graduação 124% maior do que o da FORP, mas o número de estudantes de pós-graduação da FO era 272% maior do que o da FORP. São essas atividades de pós-graduação, em parte, que permitiram à Faculdade de Odontologia de São Paulo ter maior destaque na oferta de serviços odontológicos.



A Universidade de São Paulo possui dois cursos de psicologia, localizados nas cidades de São Paulo e de Ribeirão Preto, respectivamente. O curso de São Paulo é, claramente, orientado para pesquisa e pós-graduação. Observa-se na Tabela 1 que, em 2002, o Instituto de Psicologia (IP, localizado em São Paulo) tinha 1.224 estudantes, dos quais 59,8% eram de pós-graduação. As pesquisas e treinamento desses estudantes, coordenadas pelos 87 docentes do IP, permitiram a oferta de 11.678 serviços psicológicos em 2002. Em relação a 2001 (quando ocorreram 9.523 procedimentos), houve aumento de 22,6%.

O curso de psicologia em Ribeirão Preto é coordenado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Em 2002, foram realizados 16.797 procedimentos (avaliações, consultas, orientações etc.) pelo Centro de Psicologia Aplicada (CPA), o que correspondeu a aumento de 351% em relação aos 3.723 realizados em 2001.

Ainda na área de saúde, há que se destacar os serviços prestados pelas faculdades de ciências farmacêuticas de São Paulo (FCF) e de Ribeirão Preto (FCFRP). Em 2002, a primeira realizou 33.379 análises e a segunda, 154.978 análises. Esse maior desempenho da FCFRP deveu-se ao seu convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS).

Além dos serviços de saúde ofertados a seres humanos, há também os serviços de saúde ofertados a animais. Isto é feito em dois hospitais veterinários, localizados em São Paulo e Pirassununga. A Tabela 3 apresenta os atendimentos realizados por esses hospitais de 1998 a 2002. São atendidos tanto pequenos quanto grandes animais.

Tabela 3 – Atendimentos realizados pelo hospital veterinário (HOVET)

	1998	1999	2000	2001	2002
São Paulo	47.322	48.683	47.725	59.736	45.906
Pirassununga	5.036	10.637	5.322	5.045	3.921
Total	52.358	59.320	53.047	64.781	49.827

Fonte: Anuário Estatístico da USP.

Além da prestação de serviços na área de saúde, há também prestação de serviços nas áreas jurídica e de educação.

Na área de educação estão disponíveis dados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ela congrega as atividades do Centro de Estudos Integrados de Química, do Centro de Instrumentação, Dosimetria e Radioproteção, do Laboratório Interdisciplinar de Formação do Educador e do Centro de Psicologia Aplicada. Na Tabela 4 estão as atividades pelos três primeiros centros em 2001 e 2002. A ausência de dados em

alguns anos é um dos problemas do Anuário Estatístico da USP, tópico que foi comentado na seção 3.

Tabela 4 – atividades de extensão da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – número de pessoas atendidas por setor.

Setor	2001	2002
Centro de Estudos Integrados de Química	2.800	1.099
Laboratório de Ensino de Ciências	1.295	-
Centro de Instrumentação, Dosimetria e Radioproteção	2.510	3.010
Laboratório Interdisciplinar de Formação do Educador	-	2.990
Total	6.605	7.099

Fonte: Anuário Estatístico da USP.

Na área jurídica, a Faculdade de Direito oferece atendimento jurídico à população carente, serviço de aproximação docente-profissional e serviço de assessoria jurídica universitária. O primeiro deles é nitidamente um serviço de extensão universitária. Ele inclui estudos de casos, encaminhamentos e até participação em audiências. Na Tabela 5 está o número de atendimentos feitos à população carente, o número de colocações feitas através da aproximação docente-profissional e o número de atividades de assessoria jurídica universitária. Esta última inclui atividades de educação jurídica. O número de atendimento à população carente passou de 1.221 em 1997 para 7.753 em 2002, tendo atingido o seu máximo em 2000 (10.601 atendimentos).

Tabela 5 – Serviços jurídicos prestados pela Faculdade de Direito à comunidade – número de atendimentos.

Serviços	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Atendimento jurídico à população carente	1.221	3.205	6.292	10.601	6.154	7.753
Serviço de aproximação docente-profissional	332	427	107	575	106	468
Serviço de assessoria docente-profissional	0	0	0	0	0	267
TOTAL	1.553	3.632	6.399	11.176	6.260	8.488

Fonte: Anuário Estatístico da USP.

Além dos casos acima mencionados, várias outras atividades de prestação de serviços são oferecidas pelas unidades de ensino da USP, mas não são documentadas no Anuário Estatístico da USP. Na revisão de literatura (seção 2), dois casos de extensão universitária feitas pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) foram mencionados. Eles são os trabalhos de orientação e organização dos pequenos produtores de leite em São Pedro, e o de organização e instrução de pequenos artesões no Vale do Ribeira para utilizar resíduos de banana. Nessa mesma ESALQ, há também trabalhos pioneiros como o da equoterapia (onde deficientes físicos passam a ter estímulos motores de partes do corpo através de aulas de equitação) e os trabalhos de divulgação de ciência para estudantes do 1º e 2º graus através do Museu e Centro de Ciências, Educação e Artes Luiz de Queiroz.

5.3.2 – Transferência de conhecimento científico pela USP

O conhecimento científico gerado na Universidade de São Paulo não é transmitido apenas a seus estudantes de graduação e pós-graduação. Através de diversas atividades de extensão universitária, esse conhecimento é transmitido no país e no exterior à comunidade fora da USP. Ressalta-se que o conhecimento não é somente transmitido pelos docentes e pesquisadores da Universidade, como também pelos discentes e servidores não docentes. Essa transmissão de conhecimento é feita, por exemplo, através de palestras, participação

em bancas examinadoras e em congressos fora da USP, bem como através de cursos de extensão universitária.

Na Tabela 6 tem-se o total de participação em bancas por docentes da USP fora desta universidade. Este número tem sido crescente ao longo dos anos, passando de 3.538 em 1999 para 5.609 em 2002, com acréscimo de 58,5%. Nesse mesmo período, o número de docentes da USP aumentou em 3,3%. Isso implica dizer que houve, também, maior dedicação dos professores da USP a essa atividade de extensão universitária. Em 1999, foi 0,75 banca/docente e em 2002, 1,15 banca/docente. Lembrando que foram bancas examinadoras fora da USP.

A participação dos docentes em bancas fora da USP não é, no entanto, homogênea em sua intensidade entre as unidades de ensino da USP. Comparando unidades irmãs, ou seja, que oferecem o mesmo curso mas em cidades diferentes, observa-se essa diferença de intensidade. Por exemplo, a Faculdade de Ciências Farmacêuticas de São Paulo (FCF) possui mais docentes do que a Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto (FCFRP), veja a Tabela 1. No entanto, os docentes da FCFRP participam mais de bancas fora da USP do que seus colegas da FCF. O mesmo ocorre com as escolas de engenharia. A Escola Politécnica (EP) tem 2,3 vezes o número de docentes da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC). No entanto, a participação dos docentes da EP em bancas fora da USP é apenas cerca de 36% maior do que a de docentes da EESC.

Tabela 6 - Participação dos docentes da USP em bancas examinadoras fora da USP

Unidade	1999		2000		2001		2002	
	número	%	número	%	número	%	número	%
Ensino e Pesquisa								
ECA	87	1,72	25	0,73	256	5,07	105	1,87
EE	80	1,59	62	1,82	158	3,13	80	1,43
EEFE	32	0,63	35	1,03	49	0,97	106	1,89
EERP	32	0,63	36	1,06	48	0,95	54	0,96
EESC	156	3,09	181	5,31	279	5,53	255	4,55
EP	215	4,26	257	7,55	269	5,33	347	6,19
ESALQ	214	4,24	198	5,81	330	6,54	221	3,94
FAU	11	0,22	35	1,03	97	1,92	32	0,57
FCF	36	0,71	45	1,32	58	1,15	74	1,32
FCFRP	45	0,89	56	1,64	82	1,62	88	1,57
FD	129	2,56	163	4,79	314	6,22	297	5,30
FE	158	3,13	270	7,93	408	8,08	455	8,11
FEA	33	0,65	42	1,23	88	1,74	217	3,87
FEARP	-	-	-	-	-	-	63	1,12
FFCLRP	64	1,27	102	2,99	80	1,59	135	2,41
FFLCH	199	3,94	158	4,64	206	4,08	432	7,70
FM	447	8,86	389	11,42	526	10,42	409	7,29
FMRP	191	3,78	83	2,44	201	3,98	160	2,85
FMVZ	55	1,09	35	1,03	78	1,55	108	1,93
FO	158	3,13	93	2,73	0	0,00	215	3,83
FOB	77	1,53	108	3,17	330	6,54	133	2,37
FORP	29	0,57	84	2,47	110	2,18	139	2,48
FSP	99	1,96	95	2,79	141	2,79	101	1,80
FZEA	40	0,79	36	1,06	43	0,85	64	1,14
IAG	47	0,93	43	1,26	43	0,85	73	1,30
IB	100	1,98	84	2,47	71	1,41	237	4,23
ICB	139	2,75	73	2,14	109	2,16	249	4,44
ICMC	52	1,03	94	2,76	58	1,15	115	2,05

IF	64	1,27	39	1,15	77	1,53	61	1,09
IFSC	40	0,79	42	1,23	66	1,31	90	1,60
Igc	40	0,79	26	0,76	37	0,73	41	0,73
IME	47	0,93	35	1,03	57	1,13	54	0,96
IO	14	0,28	12	0,35	14	0,28	18	0,32
IP	177	3,51	141	4,14	123	2,44	130	2,32
IQ	97	1,92	108	3,17	99	1,96	48	0,86
IQSC	47	0,93	45	1,32	43	0,85	72	1,28
Sub total	3451	68,38	3330	97,77	4948	98,04	5478	97,66
Centro e Institutos especializados								0,00
CEBIMar	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,02
CENA	25	0,50	37	1,09	41	0,81	65	1,16
IEB	0	0,00	0	0,00	0	0,00	28	0,50
IEE	8	0,16	6	0,18	7	0,14	8	0,14
Sub total	33	0,65	43	1,26	48	0,95	102	1,82
Hospital e Serviços								
Anexos								
HRAC	5	0,10			15	0,30	2	0,04
HU	9	0,18			0	0,00	0	0,00
SVOI	3	0,06			0	0,00	3	0,05
Sub-total	17	0,34			15	0,30	5	0,09
Museus								0,00
MAE	5	0,10	4	0,12	0	0,00	14	0,25
MAC	13	0,26	6	0,18	6	0,12	4	0,07
MP	2	0,04		0,00	8	0,16	1	0,02
MZ	17	0,34	11	0,32	18	0,36	5	0,09
Subtotal	37	0,73	21	0,62	32	0,63	24	0,43
Órgãos Centrais								
Direção e Serviço								
CEPEUSP			12	0,35	4	0,08	0	0,00
Subtotal			12	0,35	4	0,08	0	0,00
Total	3.538	100,00	3.406	100,00	5.047	100,00	5.609	100,00

Fonte: Anuário Estatístico da USP.

Outra forma de transmissão do conhecimento gerado na USP é através dos seus cursos de extensão universitária. Esses cursos surgem sob as formas de aperfeiçoamento, atualização, difusão e especialização. Até 2001 o número desses cursos foi crescente. Na Tabela 7 observa-se que em 1999 foram ministrados 3.559 cursos de extensão universitária dentro e fora da USP. Em 2001, esse número foi de 4.014. No entanto, ele diminuiu para 1.153 em 2002. Essa redução deve ser atribuída, em parte, às mudanças de regras da USP para formalização de cursos de extensão universitária. A partir de 2002, a USP tem sido mais rigorosa na aprovação e fiscalização desses cursos, o que implicou a redução na oferta dos mesmos.

Desconsiderando os dados de 2002, que mostram um período de transição, pode-se observar os seguintes aspectos sobre esses cursos de extensão: (a) parte significativa deles é oferecida fora da USP; (b) as unidades de ensino têm dinâmicas distintas na oferta de cursos de extensão.

Comparando os dados das Tabelas 7 e 8, observa-se que em 1999, dos 3.559 cursos de extensão oferecidos pela USP, 45,5% foram realizados na universidade. Em 2001, dos 4.014 cursos de extensão oferecidos 40% foram oferecidos na própria USP. Portanto, a maioria dos cursos de extensão tem sido oferecida fora da USP, levando a outras comunidades o conhecimento científico gerado na universidade.

Tabela 7 - Cursos de extensão ministrados pelas unidades da USP, dentro e fora da própria USP

Unidade	1999		2000		2001		2002	
	número	%	número	%	número	%	número	%
Ensino e Pesquisa								
ECA	14	0,39	125	2,64	57	1,42	55	4,77
EE	25	0,70	41	0,86	22	0,55	14	1,21
EEFE	42	1,18	16	0,34	115	2,86	9	0,78
EERP	32	0,90	29	0,61	62	1,54	18	1,56
EESC	30	0,84	13	0,27	9	0,22	5	0,43
EP	547	15,37	254	5,36	187	4,66	312	27,06
ESALQ	571	16,04	280	5,90	443	11,04	119	10,32
FAU	72	2,02	1101	23,22	120	2,99	54	4,68
FCF	21	0,59	26	0,55	21	0,52	8	0,69
FCFRP	11	0,31	25	0,53	19	0,47	3	0,26
FD	17	0,48	71	1,50	8	0,20	0	0,00
FE	213	5,98	33	0,70	66	1,64	14	1,21
FEA	72	2,02	14	0,30	1	0,02	0	0,00
FFCLRP	19	0,53	19	0,40	6	0,15	13	1,13
FFLCH	213	5,98	213	4,49	382	9,52	68	5,90
FM	376	10,56	405	8,54	803	20,00	15	1,30
FMRP	126	3,54	137	2,89	70	1,74	7	0,61
FMVZ	137	3,85	634	13,37	21	0,52	3	0,26
FO	56	1,57	89	1,88	0	0,00	1	0,09
FOB	205	5,76	450	9,49	184	4,58	14	1,21
FORP	85	2,39	79	1,67	133	3,31	22	1,91
FSP	56	1,57	49	1,03	43	1,07	53	4,60
FZEA	8	0,22	11	0,23	14	0,35	5	0,43
IAG	31	0,87	16	0,34	18	0,45	10	0,87
IB	20	0,56	61	1,29	17	0,42	14	1,21
ICB	52	1,46	24	0,51	30	0,75	5	0,43
ICMC	23	0,65	22	0,46	96	2,39	19	1,65
IF	28	0,79	24	0,51	17	0,42	8	0,69
IFSC	14	0,39	6	0,13	26	0,65	22	1,91
Igc	3	0,08	6	0,13	6	0,15	11	0,95
IME	72	2,02	155	3,27	152	3,79	146	12,66
IO	10	0,28	7	0,15	5	0,12	4	0,35
IP	44	1,24	58	1,22	45	1,12	25	2,17
IQ	6	0,17	2	0,04	4	0,10	5	0,43
IQSC	3	0,08	2	0,04	5	0,12	3	0,26
Sub total	3254	91,43	4497	94,83	3207	79,90	1084	94,02
Centro e Institutos especializados								
CEBIMar	0	0,00	5	0,11	7	0,17	1	0,09
CENA	9	0,25	4	0,08	6	0,15	1	0,09
IEA	0	0,00	32	0,67	605	15,07	5	0,43
IEB	1	0,03	7	0,15	105	2,62	3	0,26
IEE	1	0,03	2	0,04	14	0,35	2	0,17
Sub total	11	0,31	50	1,05	737	18,36	12	1,04
Hospital e Serviços								
Anexos								
HRAC	125	3,51	97	2,05	13	0,32	3	0,26
HU	36	1,01	24	0,51	0	0,00	0	0,00
SVOI	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00

Sub-total	161	4,52	121	2,55	13	0,32	3	0,26
Museus								
MAE	29	0,81	29	0,61	0	0,00	13	1,13
MAC	6	0,17	9	0,19	14	0,35	6	0,52
MP	5	0,14	0	0,00	3	0,07	1	0,09
MZ	2	0,06	2	0,04	1	0,02	4	0,35
Subtotal	42	1,18	40	0,84	18	0,45	24	2,08
Órgãos Centrais de Direção e Serviço								
CISC	4	0,11	1	0,02	0	0,00	0	0,00
COSEAS	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
PCASC	0	0,00	25	0,53	0	0,00	0	0,00
PCAB	127	3,57	0	0,00	0	0,00	0	0,00
PCLQ	0	0,00	0	0,00	2	0,05	0	0,00
CEPEUSP	0	0,00	8	0,17	17	0,42	0	0,00
SIBI	0	0,00	0	0,00	20	0,50	0	0,00
CDCC	0	0,00	0	0,00	0	0,00	29	2,52
Pró-Reitoria Pesquisa	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,09
Subtotal	131	3,68	34	0,72	39	0,97	30	2,60
Total	3.559	100,00	4.742	100,00	4.014	100,00	1.153	100,00

Fonte: Anuário Estatístico da USP.

A intensidade de oferta de cursos de extensão é distinta entre as unidades. A Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), a Escola Politécnica (EP) e a Faculdade de Medicina (FM) responderam por 42% dos cursos de extensão ofertados em 1999 e por 35,7% dos oferecidos em 2001 (ver Tabela 7). O predomínio dessas unidades de ensino e pesquisa (faculdades) na oferta de cursos de extensão explica-se pela geração de tecnologia de uso final desenvolvida nelas, bem como da necessidade dos profissionais que atuam nessas áreas de estarem continuamente buscando atualização profissional.

Tabela 8 - Cursos de extensão ministrados pelas unidades da USP, na própria USP

Unidade	1999		2000		2001		2002	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Ensino e Pesquisa								
ECA	13	0,80	70	3,79	49	3,02	55	4,95
EE	14	0,86	9	0,49	16	0,99	10	0,90
EEFE	19	1,17	16	0,87	28	1,72	9	0,81
EERP	22	1,36	23	1,24	37	2,28	18	1,62
EESC	10	0,62	9	0,49	3	0,18	5	0,45
EP	108	6,66	99	5,35	86	5,30	300	26,98
ESALQ	130	8,01	122	6,60	219	13,49	106	9,53
FAU	72	4,44	75	4,06	120	7,39	54	4,86
FCF	19	1,17	12	0,65	10	0,62	6	0,54
FCFRP	9	0,55	25	1,35	15	0,92	3	0,27
FD	2	0,12	3	0,16	8	0,49	0	0,00
FE	11	0,68	23	1,24	62	3,82	14	1,26
FEA	72	4,44	14	0,76	1	0,06	0	0,00
FFCLRP	5	0,31	2	0,11	2	0,12	7	0,63
FFLCH	201	12,39	202	10,92	105	6,47	68	6,12
FM	216	13,32	405	21,90	193	11,88	15	1,35
FMRP	74	4,56	43	2,33	61	3,76	7	0,63
FMVZ	11	0,68	30	1,62	16	0,99	3	0,27
FO	56	3,45	89	4,81	0	0,00	1	0,09
FOB	25	1,54	58	3,14	25	1,54	14	1,26

FORP	23	1,42	46	2,49	49	3,02	22	1,98
FSP	48	2,96	49	2,65	34	2,09	51	4,59
FZEA	7	0,43	7	0,38	9	0,55	5	0,45
IAG	17	1,05	9	0,49	10	0,62	9	0,81
IB	1	0,06	4	0,22	17	1,05	14	1,26
ICB	21	1,29	12	0,65	15	0,92	5	0,45
ICMC	20	1,23	16	0,87	31	1,91	19	1,71
IF	21	1,29	8	0,43	13	0,80	5	0,45
IFSC	4	0,25	6	0,32	18	1,11	22	1,98
Igc	1	0,06	1	0,05	2	0,12	11	0,99
IME	71	4,38	154	8,33	151	9,30	146	13,13
IO	10	0,62	5	0,27	5	0,31	4	0,36
IP	44	2,71	38	2,06	36	2,22	25	2,25
IQ	6	0,37	2	0,11	0	0,00	5	0,45
IQSC	1	0,06	0	0,00	4	0,25	3	0,27
Sub total	1384	85,33	1686	91,18	1450	89,29	1047	94,15
Centro e Institutos especializados								
CEBIMar		0,00	3	0,16	6	0,37	1	0,09
CENA	1	0,06	2	0,11	1	0,06	1	0,09
IEA	0		2	0,11	5	0,31	5	0,45
IEB	1	0,06	7	0,38	101	6,22	3	0,27
IEE	1	0,06	2	0,11	0	0,00	2	0,18
Sub total	3	0,18	16	0,87	113	6,96	12	1,08
Hospital e Serviços								
Anexos								
HRAC	125	7,71	97	5,25	13	0,80	3	0,27
HU	36	2,22	24	1,30	0	0,00	0	0,00
SVOI	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Sub-total	161	9,93	121	6,54	13	0,80	3	0,27
Museus								
MAE	29	1,79	17	0,92	0	0,00	9	0,81
MAC	6	0,37	7	0,38	14	0,86	6	0,54
MP	5	0,31	2	0,11	3	0,18	1	0,09
MZ	1	0,06		0,00	1	0,06	4	0,36
Subtotal	41	2,53	26	1,41	18	1,11	20	1,80
Órgãos Centrais								
Direção e Serviço								
CISC	4	0,25	1	0,05	0	0,00	0	0,00
PCASC		0,00	25	1,35		0,00	0	0,00
PCAB	29	1,79	0	0,00		0,00	0	0,00
PCLQ		0,00	0	0,00	2	0,12	0	0,00
CEPEUSP	0	0,00	7	0,38	8	0,49	0	0,00
SIBI		0,00	0	0,00	20	1,23	0	0,00
CDCC	0	0,00	0	0,00	0	0,00	29	2,61
Pró-Reitoria Pesquisa	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,09
Subtotal	33	2,03		1,78	30	1,85	30	2,70
Total	1.622	100,00	1.849	1,41	1.624	100,00	1.112	100,00

Fonte: Anuário Estatístico da USP.

6 – Conclusões

Esse trabalho analisou a dimensão e diversidade da atividade de extensão universitária na Universidade de São Paulo. Constatou-se que a extensão universitária é realizada sob duas formas: prestação de serviços e transferência do conhecimento

científico. É nítido na USP que a extensão universitária é intimamente ligada com as atividades de ensino e pesquisa. A oferta de serviços médicos por parte do Hospital Universitário e a Faculdade de Medicina só é possível porque há grande número de alunos de pós-graduação e atividade de pesquisa envolvidos nessa atividade de extensão universitária. O mesmo se repete para os serviços odontológicos e psicológicos oferecidos a título de extensão universitária e os serviços oferecidos pelos hospitais veterinários. Os serviços de extensão universitária não se restringem apenas à área de saúde, sendo também expressivos nas áreas jurídica e de educação.

Na área de transferência de conhecimento, constatou-se que a dinâmica das unidades de ensino da USP são distintas. A oferta de cursos de extensão está concentrada em três escolas (a ESALQ, a Escola Politécnica e a Faculdade de Medicina). Isto se deve, provavelmente, ao fato dessas escolas gerarem tecnologia de uso final.

Do que se expôs ao longo desse artigo e da evidente relação entre ensino, pesquisa e extensão, constata-se que boa parte das críticas feitas por alguns autores sobre a extensão universitária no Brasil (e ressaltadas na seção 3) não é totalmente válida para o caso da USP.

No entanto, dois pontos precisam ser melhorados a respeito da extensão universitária na USP. O primeiro, é a coleta de dados sobre ela. O segundo, é sua maior divulgação à sociedade.

Apesar do grande esforço de coleta de dados através do Anuário Estatístico da USP, evidenciou-se ao longo do texto que essas informações não são completas a respeito da dimensão da extensão universitária realizada por essa universidade. Tem-se dados da Faculdade de Medicina de São Paulo, mas não da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. A ESALQ tem vários programas de extensão universitária que não são registrados no Anuário Estatístico. Sugere-se, assim, que se amplie a coleta dessas informações através dos atuais serviços de cultura e extensão de cada unidade de ensino da USP.

Há necessidade de a própria USP ressaltar mais o serviço de extensão que ela retribui à sociedade, que em última instância financia a USP. Tanto a comunidade externa quanto a interna à USP pouco conhecem sobre a dimensão e variedade desses serviços.

Em suma, a experiência de extensão universitária da USP é grande e diversificada. Cabe a essa universidade ter melhor registro sobre essa atividade e divulgá-la mais.

Bibliografia citada

- BAIBICH, T.M. “Perfil Nacional da Extensão Universitária nas Universidades Públicas brasileiras”. In Universidade Federal do Paraná – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – **Cadernos de Extensão – Perfil da Extensão Universitária**. Curitiba, ano 1, n. 1, p. 3-35, 1995.
- BONFIM, A.C.B.L.; COSTA, Z.M.B. “Projeto Quilombos”. In CALDERÓN, A.I. e SAMPAIO, H. (orgs) **Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras**. São Paulo: Olho d’água, 2002, p. 85-93.
- BOTOMÉ, S.P. **Pesquisa alienada e ensino alienante – o equívoco da extensão universitária**. Petrópolis: Vozes, 1996. 248 páginas.
- BOTOMÉ, S.P. “Pesquisa, ensino e extensão: superando equívocos em busca de perspectivas para o acesso ao conhecimento”. In **Educação Brasileira**, Brasília, v. 19, n. 39, p. 21-60, 1997.
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. 120 páginas.
- GARAVELLO, M.E.P.E. “Banana-artesanato: parcerias e inovação para a geração de renda”. In CALDERÓN, A.I. e SAMPAIO, H. (orgs) **Extensão Universitária:**

- ação comunitária em universidades brasileiras.** São Paulo: Olho d'água, 2002, p. 95-103.
- GARRAFA, Y. “Extensão: do assistencialismo ao compromisso”. In **Humanidades**, nº 12, p. 88-90, fev./abr. 1987.
- GASSET, Ortega y **Mision de la Universidad.** Madrid: Alianza Editorial, 1982.
- GONÇALVES, O.L.; CASSIMIRO, M.R. **A extensão universitária: sobre a filosofia da extensão universitária e os campos de ação da Universidade de Goiás.** Goiânia: UFGO, 1979. 46 páginas.
- HUMBERTO, L. “O conhecimento e seus proprietários” In **Humanidades**, nº 14, p. 83-84, ago./out. 1987.
- JASPERS, K. **The Idea of the University,** Londres: Peter Owen, 1965.
- KERR, C. **The uses of the University.** Cambridge, Massachus: Harvard University Press, 1982.
- MENDONÇA; S.G.L.; SILVA, V.P. “Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública.” In CALDERÓN, A.I. e SAMPAIO, H. (orgs) **Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras.** São Paulo: Olho d'água, 2002, p. 29-44.
- MERTEN, G.H. “Uma experiência extensionista no assentamento 19 de Setembro”. In CALDERÓN, A.I. e SAMPAIO, H. (orgs) **Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras.** São Paulo: Olho d'água, 2002, p. 55-66.
- NEVES, L.F. **A Extensão Universitária como Prática Institucional: o caso da Universidade Federal de Viçosa.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, 1993.
- OLIVEIRA, A. G. **Origem e Evolução da Extensão Rural no Brasil: uma Análise Histórico-crítica.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa, 1987.
- PEREIRA, M.T. “Extensão universitária na ESALQ-USP: o caso dos agricultores de São Pedro – SP” In **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 281-288, 2001.
- ROCHA, R.M.G. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez, 1986. 182 páginas.
- SANTOS, B.S. “Da idéia de universidade à universidade de idéias”. In SANTOS, B.S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-mordernidade,** São Paulo: Cortez Editora, p. 187-233, 1996.
- WASIELESKY JÚNIOR, W.; PEIXOTO, S.; SANTOS, M.H.S.; CAVALLI, R.O. “Cultivo do camarão-rosa como alternativa de geração de renda” In CALDERÓN, A.I. e SAMPAIO, H. (orgs) **Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras.** São Paulo: Olho d'água, 2002, p. 17-27.
- ZOUEIN, G.F.V. **Concepções de extensão na comunidade universitária da UFLA.** Universidade Federal de Lavras: Dissertação de Mestrado. Lavras, 2001.